

O fim (ainda) não chegou: uma análise comparativa do discurso religioso sobre a gripe espanhola de 1918 e sobre a pandemia de COVID-19 em periódicos da Igreja Adventista do Sétimo Dia do Brasil

The end has (not yet) come: the 1918 Spanish flu and the COVID-19 pandemic in a Brazilian Seventh-day Adventist bulletin

Allan Macedo de Novaes¹

Resumo²

Esta é uma análise comparativa das semelhanças e diferenças entre o discurso adventista brasileiro sobre a pandemia de gripe de 1918 – também conhecida como gripe espanhola – e o discurso adventista brasileiro sobre a pandemia de COVID-19. Ele se concentra em como os adventistas articulam os elementos escatológicos e sanitários distintos de sua tradição narrativa para explicar as duas crises e se situar em relação a elas. O corpus de análise contém textos selecionados publicados na *Revista Adventista*, o boletim oficial da Igreja Adventista do Sétimo Dia do Brasil, pertencentes a dois períodos de tempo: 1918-1920 e 2020. Ambos os materiais apresentam crises pandêmicas como oportunidades para evangelismo, uma vez que mostram o entendimento de que os valores e paradigmas sociais se tornam menos impermeáveis à religião em tais condições. Mas eles diferem no fato de que o material de 1918-1920 se concentra na expansão e doutrina religiosa, enfatizando especialmente a mensagem de julgamento iminente de uma metanarrativa do grande conflito, enquanto o material de 2020 explora os aspectos médicos e humanitários ligados à pandemia, transcendendo uma ênfase puramente escatológica e acomodando um esforço conjunto para dar aos leitores apoio emocional para enfrentar a pandemia.

Palavras-chave

Adventismo. Gripe espanhola. COVID-19. Revista Adventista. Ellen G. White.

Abstract

This is a comparative analysis of similarities and differences between the Brazilian Adventist discourse on the 1918 influenza pandemic – also known as the Spanish flu – and the current Brazilian Adventist discourse on the COVID-19 pandemic. It focuses on how Adventists articulate the distinctive eschatological and sanitary elements of their narrative tradition in order to explain the two crises and to situate themselves in relation to them. The analysis corpus contains select texts published in *Revista Adventista*, the official bulletin of Brazilian Seventh-day Adventists, pertaining to two time periods: 1918-1920 and the first quarter of 2020. Both materials present pandemic crises as opportunities for evangelism since they display the understanding that societal values and paradigms become less impervious to religion in such conditions. But they differ in the fact that the 1918–1920 material concentrates on religious expansion and doctrine, especially emphasising the message of impending judgement of a great controversy metanarrative, while the 2020 material explores the medical and humanitarian

¹ Doutor em Ciência da Religião pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Mestre em Comunicação Social pela Universidade Metodista de São Paulo (UMESP). Bacharel em Teologia pelo Centro Universitário Adventista de São Paulo (UNASP). Professor do Programa de Pós-Graduação em Teologia do UNASP. Contato: allan.novaes@unasp.edu.br.

² Artigo originalmente publicado na revista *Studies in World Christianity* em 2021. Tradução para o português de Kemuel Lourenço Figueira Andrade.

aspects connected to the pandemic, transcending a purely eschatological emphasis and accommodating a concerted effort to give the readers emotional support to face the pandemic.

Keywords

Adventism. Spanish flu. COVID-19. Revista Adventista. Ellen G. White.

INTRODUÇÃO

A Igreja Adventista do Sétimo Dia (IASD) é uma denominação cristã fundada nos Estados Unidos em 1863 que acredita que uma de suas fundadoras, Ellen G. White (1827-1915), foi uma profetisa moderna. Devido à sua escrita prolífica e carisma cativante, White tornou-se fundamental para estabelecer as crenças distintivas da denominação e importantes traços de identidade de seus membros, incluindo a vocação apocalíptica da Igreja e uma mensagem de reforma de saúde. A reforma de saúde que White promoveu combinou princípios sanitários e dietéticos dos movimentos de saúde e temperança de seu tempo e elementos soteriológicos e escatológicos – aspectos distintivos que apoiavam uma metanarrativa de um conflito entre Deus e Satanás. De fato, o *grande conflito* tornou-se um tema central na teologia adventista, que consiste em uma narrativa cósmica sobre o embate entre Deus e Satanás, a origem do pecado, a restauração da verdade na história e a vitória do povo remanescente no fim dos tempos (Guy, 2014, p. 151-153; Canale, 2006, p. 57-58).

A abordagem escatológica e o discurso únicos dos primeiros adventistas foram levados além dos limites dos Estados Unidos em movimentos migratórios que começaram na década de 1870 (Greenleaf, 2011, p. 24-25). Atualmente, a IASD conta com mais de 21 milhões de fiéis em todo o planeta e o Brasil é o país com a maior população adventista do mundo. Como uma denominação centenária, a Igreja Adventista do Sétimo Dia passou por surtos de doenças e pandemias durante sua história, incluindo a pandemia de gripe de 1918 – também conhecida como gripe espanhola. Nessa época, o boletim oficial da denominação no Brasil – a *Revista Mensal* – recorria a uma narrativa apocalíptica acoplada a uma perspectiva sanitária-escatológica para dar sentido à nova crise mundial. Hoje, diante da pandemia de COVID-19 e seus desdobramentos sociais, políticos e econômicos, a Igreja Adventista do Sétimo Dia no Brasil mais uma vez tenta estabelecer uma relação entre suas crenças distintivas e o novo desafio da saúde, recorrendo ao mesmo meio: a *Revista Adventista*, nome que a antiga *Revista Mensal* agora carrega.

Assim, o objetivo deste artigo é comparar analiticamente o discurso adventista brasileiro sobre a pandemia de gripe de 1918 como aparece na *Revista Mensal* e o atual discurso adventista brasileiro sobre a pandemia de COVID-19 como aparece na *Revista Adventista*. O artigo tem quatro partes: 1) uma breve introdução à história do adventismo do sétimo dia, enfocando sua vocação apocalíptica e sua ênfase escatológico-sanitária, conforme articulada na metanarrativa do *grande conflito*; 2) um relatório conciso do impacto da gripe espanhola e da COVID-19 no Brasil; 3) uma apresentação do escopo metodológico do artigo e das características de seu corpus; e 4) uma comparação entre o discurso adventista sobre as duas

pandemias, enfatizando como a mensagem escatológica e sanitária da denominação foi articulada – e ressignificada – para dar sentido às crises.

1 O ADVENTISMO COMO MOVIMENTO ESCATOLÓGICO

Com base nas interpretações proféticas de Daniel e Apocalipse, os adventistas tendem a acreditar que o mundo está caminhando para o fim. Essa crença data do milerismo, um movimento de reavivamento liderado pelo ministro batista Guilherme Miller (1782-1849), que anunciou que Cristo voltaria na década de 1840 (Bliss, 1853, p. 171-172). Os grupos mileritas estabeleceram até 20 datas diferentes para esse evento, mas a mais significativa de todas elas foi, sem dúvida, 22 de outubro de 1844, que os adventistas chamam de *o dia do grande desapontamento*. A Igreja Adventista do Sétimo Dia, de fato, originou-se de um grupo que ressignificou 22 de outubro de 1844 como uma transição no ministério de Cristo. Os adventistas afirmam, portanto, ser os verdadeiros herdeiros do movimento milerita (Bull; Lockhart, 2007, p. 53).

1.1 Visões de Ellen G. White e a metanarrativa do grande conflito

Ellen G. White deu uma grande contribuição para a Igreja Adventista do Sétimo Dia ao rascunhar inicialmente o que mais tarde se tornaria a metanarrativa do *grande conflito* com seu motivo de uma batalha cósmica entre Cristo e Satanás, cujo final que se aproximava se tornaria cada vez mais dramático depois de 1844 (Douglass, 2010; Campbell, 2014, p. 854; Gulley, 2016). Para White, o *grande conflito* era de origem sobrenatural e cósmico em escopo, e sua resolução foi chamada de “o plano da redenção” (White, 1888, p. 503), que tinha um propósito ainda mais amplo e profundo do que a salvação dos homens, que era “demonstrar a todos os mundos do universo que a lei de Deus é imutável” (White, 1888, p. 651).

A metanarrativa de um *grande conflito* entre o bem e o mal deu à mensagem adventista uma urgência que acabaria por levar os adventistas, como a *Igreja remanescente*, a alertar o mundo sobre o julgamento iminente de Deus e o retorno iminente de Cristo. No entanto, estudos recentes sobre o adventismo veem as décadas de 1980, 1990 e 2000 como períodos de tempo em que a forma como os adventistas contemporâneos se relacionam com a cultura os leva a uma iminente crise de identidade, um fenômeno que levou a organização adventista do sétimo dia a ressignificar os documentos fundadores da Igreja e a revisar os aspectos identitários da denominação que tradicionalmente a conectavam à ênfase sectária e escatológica (Knight, 1995; Vance, 1999; Timm, 2002, 2011; Patrick, 2010; Canale, 2010, 2011).

No adventismo brasileiro há um debate semelhante, como parte do qual alguns trabalhos analisam as mudanças sociais e demográficas dos membros adventistas do sétimo dia no país e o impacto de tais mudanças sobre a identidade e a missão adventista (Follis; Novaes; Dias, 2017; Novaes, 2017; Furtado, 2017). Mesmo quando consideramos esse cenário, a vocação escatológica da Igreja ainda permanece uma chave hermenêutica essencial para compreender a

O fim (ainda) não chegou

tradição adventista – incluindo a realidade adventista do sétimo dia brasileira – e sua relação com questões sociais e culturais contemporâneas (Bull; Lockhart, 2007; Keller, 2005; Novaes, 2016, 2019). Em essência, “o Apocalipse é o que o adventismo é” (Knight, 2008, p. 25).

1.2 A metanarrativa do grande conflito e a reforma de saúde

Havia uma afinidade natural entre reavivamento e temperança na América do século XIX, e isso também era verdade para os movimentos milerita e adventista. Alguns pioneiros adventistas se alinharam com alguns dos princípios e práticas dos movimentos de temperança após o *grande desapontamento*, especialmente com aqueles defendidos pelo evangelista presbiteriano Sylvester Graham, uma razão importante pela qual os adventistas desenvolveram um grande apreço pelos temas de saúde (Numbers, 2008, p. 83). Além disso, White afirma ter tido quatro visões – em 1848, 1854, 1863 e 1865 – que ajudaram a consolidar a reforma de saúde como um elemento constitutivo da doutrina e tradição adventista.

White afirma que Deus mostrou a ela em suas visões que tabaco, chá, especiarias e café deveriam ser abandonados por aqueles que queriam se preparar para a segunda vinda de Jesus. Ela também promoveu o vegetarianismo como parte de uma reforma de saúde necessária pelos adventistas (Numbers; Schoepflin, 2014, p. 198). Finalmente, logo após sua visão de 1865, ela recomendou que os adventistas estabelecessem sua própria instituição de saúde, integrando a reforma de saúde à teologia adventista (Knight, 1993, p. 59). De fato, White rejeitou a noção de que a reforma da saúde era algo estritamente dietético, social ou *secular* e deu a essa mensagem uma forte conotação religiosa baseada em princípios humanitários, evangelísticos e soteriológicos (Fortin, 2013, p. 858-859).

Este último princípio está em sintonia com a metanarrativa do *grande conflito* que fornece uma base e um propósito para a reforma de saúde adventista. É a perspectiva escatológica e cósmica do *grande conflito* que atribui à mensagem de saúde seus dois principais significados e papéis: a tarefa de santificar um povo remanescente em preparação para o retorno de Cristo – o que inclui uma preparação para os eventos escatológicos no fim dos tempos; e o poder de esclarecer o discernimento dos crentes, uma vez que se acredita que a saúde precária tenha efeitos negativos no julgamento moral (Fortin, 2013, p. 859-860). Consequentemente, White acreditava que uma perspectiva holística sobre a natureza humana, juntamente com a integração resultante da mensagem do Evangelho a um esforço de reforma da saúde, eram cruciais na guerra cósmica entre o bem e o mal.

É importante ressaltar que White defendia uma integração entre as dimensões humanitária, evangelística e soteriológica da reforma sanitária. Ela faz isso em vários de seus escritos, especialmente em *Christian temperance and Bible hygiene* (White, 1890), *Healthful living* (White, 1897), e *The ministry of healing* (White, 1905). Duas compilações póstumas de seus escritos anteriores sobre saúde e humanitarismo foram impressas: *Medical ministry* (White,

1932) e *Welfare ministry* (White, 1952).³ Ela encorajou a responsabilidade social e defendeu uma certa equivalência entre a atividade missionária de um médico e o trabalho de um ministro, porque deveria haver “tanta seriedade e rigor para a salvação da alma quanto para a restauração do corpo” (White, 1932, p. 237).

2 AS PANDEMIAS DE GRIPE ESPANHOLA E DA COVID-19: RESPOSTAS DOS ADVENTISTAS DO SÉTIMO DIA

Em 1918, o mundo estava em guerra quando começaram a aparecer as primeiras notícias sobre uma doença letal erroneamente chamada de gripe espanhola. A rápida disseminação do vírus deveu-se às grandes redes ferroviárias e às inúmeras vias marítimas da época, além do movimento humano em larga escala produzido pela I Guerra Mundial (Philips; Killingray, 2003, p. 6). Estima-se que a gripe tenha matado entre 40 e 100 milhões de pessoas.

A gripe espanhola – como costuma acontecer com grandes e mortais surtos de doenças – também recebeu conotações religiosas. Havia três razões principais para isso: sua proximidade com a I Guerra Mundial, outro evento que atraiu muita atenção religiosa; o impacto global do vírus; e, a natureza aleatória das fatalidades, uma vez que a doença atingiu letalmente adultos saudáveis no auge da vida – entre 30 e 40 anos de idade (Oldstone, 2010, p. 307; Barry, 2004, p. 4; Kolata, 1999, p. 4-5; Spinney, 2017, p. 76-77). Durante a crise da gripe, a liderança da Igreja ficou preocupada com a possibilidade de que interpretações religiosas extremistas pudessem afastar os membros do serviço em nome de seus semelhantes. Por essa razão, os líderes adventistas do sétimo dia promoveram um chamado para o serviço na Igreja, criticando uma atitude de “mais santo do que tu” que explicava a enfermidade como um corolário da infidelidade religiosa à mensagem adventista de saúde e que levava as pessoas a dizerem: “se você comesse como eu, escaparia dessas pragas” (Ruble, 1918, p. 16).

Em 1918, o presidente da Igreja Adventista do Sétimo Dia fez um apelo para que todo adventista orasse por libertação. Ele esperava que, naquele tempo de angústia, os crentes se tornassem “mensageiros de luz e vida, dando aos outros o conhecimento dos princípios de saúde mantidos por nós como povo” (Daniels, 1918, p. 16). Assim, a Igreja Adventista do Sétimo Dia reagiu à tragédia da gripe na saúde pública produzindo material instrucional, fazendo planos de contingência para grandes eventos da Igreja e investindo em hospitais e sanatórios para que pudessem ajudar os doentes (Campbell, 2020).

O *Review and Herald*, boletim oficial da IASD em inglês, publicou vários artigos para informar seus leitores “com referência ao caráter da doença e seu tratamento em casa” (Review and Herald, 1918, p. 16). A Igreja Adventista do Sétimo Dia publicou um panfleto intitulado *Epidemics: how to meet them*, contendo instruções sobre tratamentos de saúde simples para

³ As obras de Ellen G. White citadas foram traduzidas ao português, e seus títulos editoriais ficaram: *Temperança, Conselho sobre saúde, A ciência do bom viver, Medicina e salvação e Beneficência social*. Demais títulos traduzidos de White estão disponíveis em: <https://centrowhite.org.br/downloads/ebooks/>.

O fim (ainda) não chegou

ajudar as pessoas a se recuperarem em casa (Hansen et al., 1919). O panfleto se tornou um tratado best-seller em toda a América e foi traduzido para vários idiomas, incluindo o português. Além disso, a Associação Geral da IASD votou uma resolução intitulada *Organizando igrejas para o trabalho de emergência* em 11 de outubro de 1919, que convocou “nossos médicos e enfermeiros disponíveis para instruir e dirigir em tal trabalho”, a fim de dar “às necessidades de emergência a atenção mais rápida e completa que a situação possa exigir” (General Conference Committee Minutes, 1919, p. 412).

A gripe espanhola chegou ao Brasil em setembro de 1918. Viajou a bordo do vapor Demerara, vindo de Lisboa e Dakar, para deixar imigrantes em Recife, Salvador, Rio de Janeiro e Santos. O Rio de Janeiro, capital federal do Brasil na época, foi a cidade mais afetada por ela. Cerca de 60% de sua população foi infectada em comparação com cerca de 30% para o resto do Brasil (Goulart, 2005).

Dizia-se que a pandemia tinha provocado a morte do presidente do Brasil, Rodrigues Alves, impedindo-o de cumprir um segundo mandato. Provocou também uma renovação do interesse pelos saberes sanitários que culminou na reestruturação do sistema público de saúde brasileiro e na elaboração de uma política sanitária alinhada com a comunidade científica e higienista da época (Breitnauer, 2019, p. 65; Queiroz, 2004; Goulart, 2005).

As ações da IASD durante a pandemia foram de alguma forma replicadas no contexto brasileiro. Houve, no entanto, algumas dificuldades na aplicação de planos de contingência em relação a grandes eventos. Um exemplo foi uma reunião da União Adventista do Sétimo Dia em 1920, quando mais de 400 adventistas se reuniram nas dependências de um seminário entre 15 de abril e 1º de maio, resultando em um surto de gripe entre alguns dos pastores, professores e alunos (Steen, 1920, p. 13). Por outro lado, a editora adventista do sétimo dia desempenhou um papel importante na instrução dos membros e na ajuda a divulgar a mensagem adventista com folhetos, livros e panfletos. Um grande exemplo desse esforço foi a tradução para o português do tratado *Epidemics: how to meet them* (*Epidemias: meios de combatê-las*), que foi publicado provavelmente entre 1920 e 1921. Com uma estrutura eclesiástica mais modesta e um desenvolvimento eclesiástico mais recente quando comparada aos Estados Unidos, a IASD brasileira teve a *Revista Mensal* como seu meio mais importante para abordar a membresia durante a gripe espanhola. Em geral, trouxe materiais de saúde instrutivos sobre a gripe para os membros da Igreja. Ao mesmo tempo, aproveitou a crise social e sanitária como oportunidade de ação evangelística. Também reforçou as crenças escatológicas dos membros da Igreja e motivou as pessoas a adotarem o estilo de saúde adventista do sétimo dia como medida de precaução contra a pandemia (Hosokawa et al., 2016, p. 131-132).

Apesar das diferenças epidemiológicas quando comparada à gripe espanhola, a COVID-19 também afetou o mundo inteiro, e teve um impacto severo na sociedade. No Brasil, onde o primeiro caso de COVID-19 foi oficialmente confirmado em fevereiro de 2020, houve referência à chamada *bolsoreligiosidade*, uma *aura religiosa* que o presidente Jair Bolsonaro

desfrutou entre grupos evangélicos conservadores que apoiaram o presidente no questionamento da autoridade científica da Organização Mundial da Saúde (OMS) e da eficácia do distanciamento social. No momento em que este artigo está sendo escrito,⁴ o Brasil tem quase 1 milhão de pessoas infectadas com COVID-19 e mais de 45.000 mortes, e esses números colocam o país entre as nações com mais vítimas devido à pandemia.

Apesar da posição do presidente, a IASD no Brasil optou por cumprir as recomendações científicas relativas à crise pandêmica. Diferentemente do discurso de alguns grupos evangélicos, a Igreja Adventista do Sétimo Dia preferiu apoiar as recomendações da OMS sobre distanciamento social e restrições correspondentes a reuniões e eventos religiosos (Agência Adventista Sul-Americana de Notícias, 2020). Tanto nos Estados Unidos quanto no Brasil, a Igreja Adventista do Sétimo Dia aproveitou sua estrutura de mídia para produzir conteúdos inspiradores e informativos sobre a pandemia de COVID-19.

3 MÉTODO, DELIMITAÇÃO DO CORPUS E VISÃO GERAL QUANTITATIVA

A *Revista Adventista* começou em 1906 como *Revista Trimensal*, algumas décadas após a chegada dos primeiros adventistas do sétimo dia no Brasil. Em 1908, tornou-se um boletim mensal e teve seu nome alterado para *Revista Mensal*. O nome atual – *Revista Adventista* – surgiu em 1931 (Greenleaf, 2011, p. 120). A história da Igreja Adventista do Sétimo Dia brasileira se confunde com a história da *Revista Adventista*, uma vez que a revista era o boletim oficial da denominação, cuja missão e foco incluíam promover a perspectiva e o discurso institucional ao longo das décadas. Por sua história e características, a *Revista Adventista* é uma das fontes mais confiáveis para a memória institucional e o discurso eclesiástico dos adventistas do sétimo dia, tornando-se uma fonte importante para diversos estudos sobre o adventismo brasileiro (Mendonça, 2014; Follis, 2017; Novaes; Carmo, 2017; Furtado, 2019).

A comparação entre o discurso adventista brasileiro durante a gripe espanhola e o da pandemia de COVID-19 foi baseada nos dois boletins. Assim, dois corpus emergiram naturalmente do site da coleção de acesso livre da *Revista Adventista*⁵ contendo todos os volumes desde sua primeira edição em 1906 até 2020. Um corpus incluía textos de 1918 a 1920, enquanto o outro corpus incluía artigos do primeiro trimestre de 2020. Os dados foram então submetidos à análise de conteúdo (Riffe; Rico, 2005).

O primeiro corpus de análise abrangendo os números de 1918 a 1920 foi formado a partir da ocorrência dos seguintes termos encontrados pelo sistema de busca do arquivo digital da *Revista Adventista*: “influenza” (15), “hespanhola” (13), “epidemia” (17), “pandemia” (1) e “grippe” (4), gerando um total de 50 itens. Nem todos os itens estão relacionados à gripe espanhola, mas a doenças como febre tifoide, difteria ou varíola. Quando esse foi o caso, o item

⁴ O artigo foi escrito enquanto o Brasil e o mundo estavam sendo assolados pela pandemia de COVID-19.

⁵ Disponível em: <https://acervo.cpb.com.br/ra>.

O fim (ainda) não chegou

foi simplesmente removido do corpus de análise. As 50 ocorrências abrangem 20 números da *Revista Mensal*, sendo quatro de 1918, oito de 1919 e oito de 1920, somando 22 textos e 29 páginas de conteúdo.

Os 22 textos selecionados para o primeiro corpus de análise foram categorizados de acordo com cinco formatos diferentes, com base em um modelo classificatório de comunicação (Melo; Assis, 2016): três artigos, nove relatórios missionários, quatro notícias, três obituários e três anúncios comerciais. Como é evidente, o formato textual predominante corresponde aos nove relatórios missionários. Isso pode ser explicado pelo fato de que, quando os primeiros adventistas vieram para o Brasil, por algumas décadas eles se preocuparam principalmente com a expansão da Igreja. A *Revista Mensal* funcionou como um elemento de identidade que uniu os adventistas em todo o amplo território brasileiro e isso resultou em vários relatos evangelísticos de missionários e evangelistas de literatura.

O segundo corpus de análise incluiu os números de janeiro a maio de 2020. Foi formado a partir da ocorrência dos seguintes termos encontrados pelo sistema de busca do arquivo digital da *Revista Adventista*: “COVID-19” (9), “coronavírus” (24), “epidemia” (12) e “pandemia” (28), gerando um total de 73 itens, mas abrangendo apenas três números: março, abril e maio de 2020. Ao todo, foram 25 textos e 33 páginas de conteúdo. Novamente, os itens que não tinham relação com a pandemia de COVID-19 foram excluídos.

Os 25 textos selecionados para o corpus da segunda análise foram classificados em cinco formatos editoriais: artigos (11), notícias (9), entrevistas (1), índice (1) e cartas de um caderno (4). Faltam relatos missionários, tendo sido substituídos por textos jornalísticos e artigos que enfocam conceitos teológicos e acadêmicos, o que aponta para uma certa profissionalização do boletim adventista centenário.

A pré-análise mostrou que havia mais edições publicadas sobre a gripe espanhola do que sobre a pandemia de COVID-19. Isso pode ocorrer porque a pandemia de COVID-19 chegou ao Brasil em fevereiro de 2020 e a presente análise foi concluída em maio de 2020. No entanto, embora existam 20 números que mencionam a gripe espanhola em contraste com apenas três números sobre a pandemia COVID-19, há mais textos e páginas sobre a pandemia 2019-2020: são 22 textos e 29 páginas sobre a gripe espanhola contra 25 textos e 33 páginas sobre a pandemia COVID-19, sugerindo que haverá consideravelmente mais conteúdos sobre a segunda pandemia quando este tema deixar de ser regularmente explorado em novas questões.

A metodologia de análise de conteúdo e a decisão de contabilizar ocorrências de palavras foram passos importantes para a criação de dois corpus para análise: um corpus de gripe espanhola e um corpus de COVID-19. Essa etapa permitiu uma abordagem qualitativa focada em amostras dos textos, sem a necessidade de uma análise exaustiva. De fato, este estudo buscou uma análise abrangente das referências às pandemias de 1918 e 2019 nos textos da *Revista Mensal* e da *Revista Adventista*, a fim de adquirir uma melhor compreensão das formas como essas crises sociais e sanitárias mundiais foram tratadas de acordo com o discurso

presente em um boletim eclesiástico institucionalizado. Para tanto, foi necessário também fomentar um diálogo com trabalhos acadêmicos anteriores sobre os referidos boletins da *Revista Mensal* e da *Revista Adventista*, e com estudos pontuais sobre a resposta da Igreja Adventista do Sétimo Dia brasileira à gripe espanhola.

Às vezes, a ocorrência de uma palavra ou texto apontava para conteúdos que não pertenciam aos corpus. Sempre que isso acontecia, essa trilha era seguida e investigada. Acontece que, na maioria das vezes, isso não passava de uma citação da *Review and Herald* ou de trabalhos acadêmicos sobre a *Revista Mensal* e a *Revista Adventista*. Esse, por exemplo, foi o caso de *Epidemias: meios de combatê-las*, já mencionado como um importante tratado publicado pela IASD Mundial que foi traduzido para o português. Embora não se enquadre perfeitamente nos critérios quantitativos e semânticos utilizados para a criação dos corpus, esse trato foi incluído na análise.

Além disso, o estudo da pandemia de COVID-19 à luz dos fenômenos religiosos ligados à sua ocorrência é uma tarefa desafiadora e com muitas limitações, uma vez que o passado é sempre um território mais flexível e conveniente para a pesquisa do que o presente. No entanto, a grande quantidade de textos nos corpus e a explicitação dos padrões, juntamente com uma negociação respeitosa entre suposições e observações informadas por estudos anteriores sobre tópicos relacionados, podem nos levar a conclusões plausíveis sobre a crise pandêmica, na medida em que nos foi permitido avançar.

4 DISCURSO ADVENTISTA SOBRE A GRIPE ESPANHOLA E A PANDEMIA DE COVID-19

Até o momento, identificamos os principais critérios semânticos e linguísticos que utilizamos para criar corpus que nos permitiram estudar o discurso adventista sobre a gripe espanhola e a pandemia de COVID-19 em seus boletins oficiais no Brasil. A presente seção agora se concentra em como a tradição adventista articulou os elementos de sua narrativa escatológica na *Revista Mensal* e na *Revista Adventista* em relação a três aspectos principais: a natureza e as causas das duas pandemias, a melhor atitude religiosa para lidar com elas e as implicações disso.

4.1 A gripe espanhola na Revista Mensal

Com exceção de um único texto (julho de 1920), todos os outros textos do corpus da *Revista Mensal* abordam a gripe espanhola como tendo uma natureza escatológica: a ação divina contra um mundo rebelde causou a gripe. A pandemia, usualmente descrita em termos que nos apontam para os juízos de Deus, é o cumprimento de um cenário escatológico predito na Bíblia e nos escritos de Ellen G. White, em que pragas e pragas atingiriam o planeta no

O fim (ainda) não chegou

tempo do fim. “Tempos soleníssimos”⁶ e “últimos [eventos] da existência da Terra” são algumas das expressões usadas para descrever esse cenário (Spies, 1920, p. 1).

“Os juízos de Deus estão começando a cair sobre os homens”, afirma um relatório missionário de janeiro de 1919, e “a humanidade está ameaçada pela gripe, de tal forma que milhares têm sido ceifados por ela” (Suessmann, 1919, p. 10-11). No número de março de 1919, H. F. Neumann relata sua obra missionária na cidade de Porto Alegre. Ele descreve que a gripe afetou tanto a cidade que ele teve que interromper suas atividades. “Oh, quão desamparado é o homem quando Deus lhe fala em tons tão austeros” (Neumann, 1919, p. 5).

Sutilmente, em segundo plano, a ação humana é apontada como corresponsável pela crise pandêmica por conta da desobediência geral a alguns dos princípios de saúde defendidos pelos adventistas naquela época. Em um texto de primeira página intitulado *Uma advertência*, de setembro de 1920, Spies (1920, p. 1), presidente da Igreja Adventista do Sétimo Dia, incentiva os leitores a recorrerem ao “tratarmos deste assunto devíamos lembrarnos das bênçãos concedidas pelo Senhor ao seu povo” Ele então cita Salmo 91, verso 4 como testemunho da promessa de Deus: “Mil cairão ao teu lado, e dez mil à tua direita, mas não chegará a ti [...] praga alguma chegará à tua tenda” (Spies, 1920, p. 1).

Não resta hoje a menor dúvida de que poderiam ter sido salvas as três quartas partes dos homens vitimados pela hespanhola si tivessem sido tratados adequadamente, afirmação que fazemos por experiência própria, porque onde quer que pelos nossos fossem tratados [os adventistas] os enfermos só em casos mui raros foram registrados falecimentos. (Spies, 1920, p. 1).

As projeções de Spies fortalecem a confiança das pessoas na reforma de saúde adventista, que ele considera que, se vivida e disseminada pelos crentes, o “dia virá em que o mundo se maravilhará por nossa causa” (Spies, 1920, p. 2). Essa linguagem triunfalista é *justificada* porque – se a pandemia é a ação de Deus contra a humanidade rebelde – o *povo remanescente* está livre de tais julgamentos quando observou as referidas leis de saúde. Isso é especialmente evidente nos relatórios missionários de nosso corpus porque eles incluem histórias da intervenção milagrosa de Deus com muito mais frequência do que outros tipos de texto. De fato, os relatórios de missão geralmente despertam um senso de aventura e admiração pela bravura dos cristãos que viajaram para lugares excêntricos e inóspitos. Os missionários são protagonistas românticos e idealistas, descritos como heróis/heroínas que lutam em nome da religião e da civilização cristã (Silva, 2011, p. 36; Hutchinson, 1987, p. 18). Além disso, há relatos de proteção e cura durante a gripe espanhola que acrescentam uma dimensão sobrenatural à história e validam os missionários adventistas como guerreiros triunfantes no conflito contra Satanás e seus anjos.

⁶ No processo de tradução, foram buscadas as fontes, quando em língua portuguesa, e foram respeitadas as palavras de seus autores com o intuito de fidelidade às citações. Contudo foram apenas realizadas as correções ortográficas na língua portuguesa, haja vista que tais textos perpassam mais de um século.

Um exemplo desse tipo de validação espiritual vem do relato de F. R. Kuempel na *Revista Mensal* descrevendo sua viagem do Rio de Janeiro ao estado do Espírito Santo em dezembro de 1918. Kuempel (1918, p. 12) afirma que “em toda parte vimos vítimas da epidemia bem perto de nós, mas a nós o Senhor guardou benignamente”.

No entanto, a proteção divina dada aos fiéis teve seu *preço*: o dever espiritual de pregar a mensagem da reforma de saúde. Um exemplo dessa ênfase é visto na edição de fevereiro de 1919.

Um tempo de angustia tal como nunca houve desde que houve nação, está se aproximando a nós. Enquanto doenças e epidemias aumentam constantemente, incumbe-nos a tarefa de instruir o povo em como aplicar tratamentos simples, substituindo deste modo o uso das drogas venenosas. [...] Cumpre-nos mostrar ás almas a grandiosa verdade que o corpo humano deve ser o templo do Espírito Santo, e devemos persuadilas por palavras e bons exemplos, a aceitarem os princípios divinos das leis naturaes que regem o nosso corpo (Rohde, 1919, p. 8).

Um cenário apocalíptico permeia a maioria das narrativas e pode ser interpretado hoje em dia como tendo um tom anti-intelectual. Um exemplo vem do tratado *Epidemias*, que criticava o tipo de otimismo científico que exaltava o progresso tecnológico e científico e se gabava de “ter eliminado” a varíola, a cólera e a febre amarela. De acordo com a narrativa do livro, a chegada da gripe espanhola havia zombado de todos os esforços da ciência médica e era a prova de que o conhecimento humano não bastava (*Epidemias [...], [1920 ou 1921]*).

Assim, o mito ocidental do progresso foi, de certa forma, desacreditado pelos adventistas porque eles acreditavam que era responsável pela situação caótica em que o mundo se encontrava. O texto bíblico de Mateus 24,7 é frequentemente citado: “por quanto se levantarão nação contra nação, e reino contra reino, e haverá fomes, e pestes, e terremotos, em vários lugares”. Esta passagem bíblica foi usada para alertar as pessoas de que o futuro da humanidade deve ser sombrio, porque, segundo a obra, tais calamidades seriam apenas o começo de tragédias que cresceriam à medida em que se aproximasse a volta de Jesus (*Epidemias [...], [1920 ou 1921]*, p. 11). Essa previsão pessimista e aterrorizante do futuro legitima a narrativa escatológica, de alguma forma desacreditando as previsões da sociedade e da ciência. Esse discurso apocalíptico pode ser analisado como alarmista no tom e tende a criar um certo estado de alerta para chamar a atenção das pessoas para a metanarrativa do *grande conflito*, segundo a qual novas calamidades estão reservadas para a humanidade, anunciando que “quando essas coisas começarem a acontecer, então olhem para cima e levantem suas cabeças; porque a tua redenção se aproxima” (*Epidemias [...], [1920 ou 1921]*, p. 12).

Outro exemplo desse viés inclui referências e citações de algumas edições especiais do *Signaes dos Tempos*, que era um boletim literário evangelístico usado por evangelistas e missionários. Uma dessas edições com a pandemia foi publicada em julho de 1920. Intitulado *A hora crítica*, foi citado pela *Revista Mensal* (1920, p. 15). Outra edição pretendia ser um recurso

O fim (ainda) não chegou

usado para o trabalho missionário em cemitérios, onde os adventistas deveriam “aproveitar a ocasião para espalhar a luz da verdade” (Revista Mensal, 1919, p. 16).

Visto ocorrer este ano o primeiro aniversário da “gripe hespanhola” ao nosso país, devendo por esta razão ser maior do que de costume a concorrência para os cemitérios, resolvemos aproveitar esta ocasião para lançar uma forte campanha como “Signaes dos Tempos” [...]. Será conveniente que os irmãos se organizem em grupos, os quais, postando-se às entradas dos cemitérios, devem oferecer [...] “Signaes dos Tempos” aos que vão passando. (Revista Mensal, 1919, p. 16).

Pandemias e caos social são interpretados pela narrativa adventista na *Revista Mensal* e no livro *Epidemias* como sinais do retorno iminente de Jesus e da vitória de Cristo e do povo remanescente sobre Satanás. Assim, houve certa desconexão entre a Igreja e a sociedade, em que o que era visto por esta última como uma crise foi interpretado pela primeira como sinais da desejada *Parusia*. Paradoxalmente, havia também um certo fascínio pelo tema do “caos” interpretado no discurso da *Revista Mensal* como a consumação de um “bem último”.

4.2 COVID-19 na Revista Adventista

O primeiro contraste encontrado na *Revista Adventista* em relação à pandemia de COVID-19 é a ausência de referências à ação de Deus como causa explícita da pandemia. Cem anos após a gripe espanhola, o boletim agora articula seu discurso de forma a evitar a polarização entre Deus e Satanás, ao mesmo tempo em que tenta manter uma perspectiva escatológica de duas maneiras principais. Primeiro, tenta enfatizar a agência humana em relação à transgressão da reforma de saúde de uma forma mais explícita do que fez em relação à gripe espanhola em 1919. Um exemplo disso é o artigo *Como interpretar a pandemia*, da edição de abril de 2020, que afirma que “nem Deus nem Satanás devem ser culpabilizados”, uma vez que todos os seres humanos têm “a capacidade de provocar destruição a si e aos que estão ao seu redor”, porque os humanos tiveram seu vigor e inteligência reduzidos por conta de sua “o descumprimento das leis de saúde por séculos” (Araújo, 2020, p. 15).

Em segundo lugar, é feita uma tentativa de distanciar a pandemia de um evento literal previsto na linha do tempo escatológica adventista. Uma solução foi apresentar a ideia de um cenário profético mais amplo, no qual a pandemia estaria inserida sem ênfase especial em sua literalidade e segundo o qual simplesmente desempenharia um papel semelhante a outras calamidades sanitárias e naturais. Nessa perspectiva, “não podemos ver a pandemia do coronavírus como o cumprimento principal da profecia de Mateus 24:7” (Araújo, 2020, p. 15). No artigo *Sete taças*, da edição de maio de 2020, o editor principal do boletim tenta distinguir a pandemia de COVID-19 das sete pragas descritas no capítulo 16 do livro de Apocalipse.

O derramamento das sete últimas pragas será um momento crítico, solene e tenso, um evento sobrenatural literalmente de proporções apocalípticas. [...]

Obviamente, o coronavírus não é uma dessas pragas, mas apenas uma gota ou miniatura do que vem pela frente. (Benedicto, 2020b, p. 13).

Da mesma forma, outro texto da edição de maio de 2020 tenta evitar dar um tom alarmista à sua descrição da pandemia. Intitulado *Não é o fim*, este artigo escrito pelo presidente dos adventistas do sétimo dia para oito países da América do Sul propõe diferenciar entre “sinais gerais” e “o sinal decisivo da proximidade da volta de Jesus” (Köhler, 2020, p. 5). Para ele, a epidemia de COVID-19 faz parte de um conjunto de “sinais indicativos ou gerais” do fim, que se intensificarão à medida que o retorno de Cristo se aproximar. No entanto, o sinal mais importante do fim é entendido como a pregação do Evangelho a todo o mundo, conforme descrito em Mateus 24, verso 14. Assim, a pandemia de 2019-2020 “não é o fim”, mas parte de um grupo de sinais de alerta que ocorrerão pouco antes do derramamento das pragas do livro do Apocalipse (Köhler, 2020, p. 5).

Evitar o alarmismo não é, no entanto, a única ênfase que vemos. Em nítido contraste com o que aconteceu durante o surto de gripe espanhola, há também uma clara tentativa de evitar interpretações religiosas que possam flertar com o anti-intelectualismo. Relatos de um texto intitulado *Eles enfrentaram a COVID-19*, no qual um grupo de adventistas descreveu sua experiência com a doença, poderiam ter sido um potencial espaço editorial para ênfase sobrenatural e atitudes anticientíficas, mas não foi o caso (Revista Adventista, 2020, p. 10). Não há mais espaço para ataques à noção de progresso moderno ou ao discurso triunfalista visto cem anos antes, quando o povo remanescente se destacava dos não-crentes porque era o objeto especial da proteção de Deus contra epidemias letais.

Enquanto o discurso da *Revista Mensal* sobre a gripe espanhola deu destaque à mensagem adventista de saúde, enfatizando especialmente o tratamento natural, a medicina convencional e as descobertas científicas ganham mais importância no discurso da *Revista Adventista* sobre a pandemia de COVID-19. Vários artigos escritos por profissionais de saúde enfatizam uma preocupação social e comunitária. O artigo intitulado *Coronavírus: como se proteger da nova pandemia*, foi escrito por dois médicos que fornecem informações detalhadas sobre como evitar a infecção por COVID-19 (Landless; Charles-Marcel, 2020, p. 35). Nos artigos intitulados *Confinados* e *A psicologia da pandemia*, o foco muda para educar os leitores sobre como lidar psicologicamente com a quarentena (Randall, 2020, p. 33; Castelão, 2020, p. 48). A seção de notícias importantes da *Revista Adventista* segue a mesma lógica: as ações sociais ganham visibilidade ao mesmo tempo em que as reportagens sobre o avanço da Igreja Adventista do Sétimo Dia no Brasil e no mundo são reduzidas, em contraste com a frequência com que ocorriam no corpus da gripe espanhola. Um bom exemplo dessa mudança é o artigo intitulado *Combate ao coronavírus*, que relata o trabalho da Adra, a agência humanitária da Igreja Adventista do Sétimo Dia, na China, durante a pandemia (Revista Adventista, 2020, p. 11). Outro exemplo vem da história *Boas notícias*, que traz uma visão geral das inúmeras ações da Igreja ao buscar proporcionar alívio e esperança em relação à atmosfera de incerteza causada

O fim (ainda) não chegou

pela pandemia (Tonetti, 2020, p. 40). A mudança de ênfase de um corpus para outro é evidente: há uma mudança de um discurso principalmente evangelístico, apocalíptico e doutrinário no corpus Influenza de 1919 para um discurso que tenta encontrar um equilíbrio entre preocupações sociais e escatológicas no corpus COVID-19.

Apesar desse contraste, vale dizer que a concepção da pandemia como uma oportunidade para o evangelismo permanece. Mesmo com uma nova semântica escatológica, a pandemia de COVID-19 ainda é vista como parte do cenário apocalíptico adventista e seu papel é “promover” oportunidades de pregar o Evangelho. É o que afirma o referido artigo *Como interpretar a pandemia*: “momentos de epidemia como o que estamos vivenciando podem oferecer uma oportunidade única para alcançar pessoas que, em circunstâncias normais, nunca dariam ouvidos ao convite do Evangelho eterno” (Araújo, 2020, p. 15). Uma declaração semelhante vem do artigo *Não é o fim*, que foi mencionado acima. Seu autor convida os leitores a “abraçar as oportunidades que esta crise real apresenta” e, com isso, ele quer dizer que as pessoas devem substituir o “medo da destruição” pela “esperança da salvação” (Köhler, 2020, p. 5).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após o estabelecimento e análise de dois corpus – um incluindo textos da *Revista Mensal* (de 1918 a 1920) sobre a gripe espanhola e outro incluindo textos sobre a pandemia de COVID-19 da *Revista Adventista* (2020) – verificamos no corpus de 1918-1920 uma predominância de relatos missionários e notícias sobre o avanço do adventismo, indicando o enfoque doutrinário e a ênfase missionária-expansionista da época. Tal ênfase relegou a crise sanitária e social do país a segundo plano, tornando prioritário anunciar uma mensagem de julgamento iminente e o retorno iminente de Jesus Cristo, de acordo com a metanarrativa do *grande conflito*. Por outro lado, no segundo corpus há uma quantidade significativa de textos que tratam a COVID-19 como uma questão social e sanitária, explorando aspectos médicos e humanitários ligados à pandemia. Tal ênfase vai além das abordagens idealistas, apocalípticas e doutrinárias vistas no caso da gripe espanhola, típicas de movimentos ainda em fase de expansão, mas que não se conformam com a visão holística proposta por Ellen G. White em seus escritos, que defendia uma ênfase conjunta no trabalho sanitário/humanitário e evangélico/ministerial.

No que diz respeito aos respectivos formatos e abordagens textuais, a transição de um período para o outro aponta não apenas para a profissionalização e especialização do periódico, mas também para uma aproximação de seu discurso ao discurso acadêmico e científico. Enquanto os relatos missionários sobre a gripe espanhola eram geralmente escritos na primeira pessoa e carregados de descrições subjetivas de intervenção sobrenatural, os textos sobre a pandemia de COVID-19 de 2020 seguem os padrões jornalísticos médios de organização da informação e da linguagem, cujo principal interesse parece ser um diálogo aberto com fontes

científicas. Isso resulta em uma transição de um relato triunfalista e em primeira pessoa para um discurso de terceira pessoa mais técnico e moderado, no qual o tom anti-intelectual um tanto presente nos textos da gripe espanhola dá lugar a uma preocupação em validar informações técnicas e científicas atuais. Durante a gripe espanhola, a mensagem adventista de saúde na *Revista Mensal* frequentemente não passava de isca para atrair pessoas para reuniões religiosas, especialmente o evangelismo público convencional que recorria a sermões e estudos bíblicos. Essa agenda missionária foi relativamente bem-sucedida em um momento de angústia coletiva. Durante a pandemia de COVID-19, um discurso doutrinário e centrado na Igreja ainda está presente, mas muitas vezes cede a preocupações sanitárias e sociais, nas quais o objetivo principal não é necessariamente a transmissão de conteúdos doutrinários, mas o apoio emocional aos leitores, bem como a ajuda humanitária para a comunidade, mais intimamente alinhada com as visões de Ellen G. White sobre a interação necessária entre o ministério médico/social e a instrução doutrinária.

Não obstante, há certa continuidade no discurso de um período para o outro no que diz respeito à interpretação escatológica das pandemias. Se por um lado o discurso da COVID-19 evita o alarmismo apocalíptico e a polarização em que Deus ou Satanás são os agentes responsáveis pelas epidemias, por outro lado há uma clara preocupação em preservar a vocação escatológica do movimento. Referências à metanarrativa do *grande conflito* e ao retorno iminente de Jesus Cristo ainda prevalecem, mas enquadradas em uma interpretação escatológica mais moderada. A pandemia de COVID-19 não é considerada parte das últimas sete pragas do julgamento de Deus contra os infiéis, como era no discurso usual sobre a gripe espanhola. Ao mesmo tempo, os diferentes textos sobre a pandemia de COVID-19 procuram renovar a confiança de seus leitores na interpretação adventista do fim dos tempos, afirmando que guerras, catástrofes naturais e pandemias são sinais gerais do fim. A ideia de que as crises pandêmicas permitem oportunidades importantes para pregar o Evangelho a uma sociedade insegura e instável é uma parte importante dos discursos sobre ambas as pandemias.

Cem anos após a gripe espanhola, os adventistas do sétimo dia ainda se esforçam para manter sua mensagem escatológica atual e contemporânea. A metanarrativa do *grande conflito* e o projeto missionário da Igreja Adventista do Sétimo Dia são destacados nos discursos de 1918-1920 e 2020, mas, alguns elementos são ressignificados neste último, provavelmente devido à influência de nossos tempos mais urbanos e globalizados. Em ambas as crises pandêmicas globais, o boletim oficial da IASD no Brasil enfatizou a necessidade de preservar os traços identitários e as narrativas fundadoras da Igreja e apontou para a oportunidade oferecida por um certo enfraquecimento dos valores modernos, especialmente o mito do progresso. Ao fazer isso, buscou fortalecer a ideia de um povo remanescente e dar mais visibilidade e validade à narrativa do conflito cósmico que fundamenta toda a cosmovisão adventista. 

REFERÊNCIAS

AGÊNCIA ADVENTISTA SUL-AMERICANA DE NOTÍCIAS. Igreja Adventista orienta sobre cuidados com o coronavírus. **Divisão Sul-Americana Igreja Adventista do Sétimo Dia**, 12 mar. 2020. Disponível em: <https://www.adventistas.org/pt/saude/projeto/coronavirus/#1584106192973-f545cf4b-7345>. Acesso em: 13 jun. 2020.

ARAÚJO, Gláuber. Como interpretar a pandemia. **Revista Adventista**, Tatuí, p. 12-15, abr. 2020.

BARRY, John. **The great influenza: the epic story of the deadliest plague in history**. Nova York: Viking, 2004.

BENEDICTO, Marcos De. A reinvenção do cotidiano. **Revista Adventista**, Tatuí, p. 2, maio 2020a.

BENEDICTO, Marcos De. Sete taças. **Revista Adventista**, Tatuí, p. 12-15, maio 2020b.

BLISS, Sylvester. **Memoirs of William Miller**: generally known as a lecturer of prophecies, and the second coming of Christ. Jasper: Adventist Pioneer Library, 2015.

BREITNAUER, Jaime. **The Spanish flu epidemic and its influence on history**: stories from the 1918-1920 global flu pandemic. Yorkshire: Pen and Sword History, 2019.

BULL, Malcolm; LOCKHART, Keith. **Seeking a sanctuary**: Seventh-day Adventism and the American dream. Bloomington: Indiana University Press, 2007.

CAMPBELL, Michael. Adventists and the 1918 influenza pandemic: what can we learn? **Adventist Review**, 3 abr. 2020. Disponível em: <https://adventistreview.org/my-church/adventists-and-the-1918-influenza-pandemic/>. Acesso em: 13 jun. 2020.

CAMPBELL, Michael. Great controversy vision. In: FORTIN, Denis; MOON, Jerry (Eds.). **Ellen G. White encyclopedia**. Hagerstown: Review and Herald, 2014. p. 853-854.

CANALE, Fernando. From vision to system: finishing the task of Adventist theology. Part III – sanctuary and hermeneutics. **Journal of the Adventist Theological Society**, Collegedale, v. 17, n. 2, p. 36-80, 2006.

CANALE, Fernando. The eclipse of Scripture and the protestantization of the Adventist mind. Part I – the assumed compatibility of Adventism with evangelical theology and ministerial practices. **Journal of Theological Adventist Society**, Collegedale, v. 21, n. 1-2, p. 133-165, 2010.

CANALE, Fernando. The eclipse of Scripture and the protestantization of the Adventist mind. Part II – from the evangelical gospel to culture. **Journal of Theological Adventist Society**, Collegedale, v. 22, n. 2, p. 102-133, 2011

CASTELÃO, Talita. A psicologia da pandemia. **Revista Adventista**, Tatuí, p. 48, maio 2020.

DANIELS, Arthur. An occasion for earnest intercession. **Review and Herald**, Takoma Park Station, v. 95, n. 43, 24 out. 1918.

DOUGLASS, Herbert. **Messenger of the Lord**: the prophetic ministry of Ellen G. White. Nampa: Pacific Press Publishing Association, 1998.

Caminhos de Diálogo – Revista Brasileira de Diálogo Ecumênico e Inter-religioso

DOUGLASS, Herbert. **The heartbeat of Adventism:** the great controversy theme in the writings of Ellen G. White. Nampa: Pacific Press Publishing Association, 2010

EPIDEMIAS: como combatê-las. Estação de São Bernardo: Sociedade Promotora de Saúde no Brasil, [1920 ou 1921].

FOLLIS, Rodrigo. **Memória, mídia e transmissão religiosa:** estudo de caso da Revista Adventista (1906-2010). Tese (Doutorado em Ciências da Religião) – Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião, Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, 2017.

FOLLIS, Rodrigo; NOVAES, Allan; DIAS, Marcelo. **Sociologia e adventismo:** desafios brasileiros para a missão. Engenheiro Coelho: Unaspres, 2017.

FORTIN, Denis. The theology of Ellen G. White. In: FORTIN, Denis; MOON, Jerry (Eds.). **Ellen G. White encyclopedia.** Hagerstown: Review and Herald, 2014. p. 241-286.

FURTADO, Kevin Willian Kossar. A interpretação na Igreja Adventista brasileira da teologia ecumênica conciliar: o Vaticano II e o ecumenismo nas páginas da Revista Adventista (1962-1965). **Interações**, Belo Horizonte, v. 14, n. 26, p. 275-296, jul./dez. 2019.

FURTADO, Kevin Willian Kossar. **Adventistas:** representações escatológico-sabáticos-dietéticas. São Paulo: Fonte Editorial, 2017.

GENERAL Conference Committee Minutes, p. 412, 11 out. 1919.

GENERAL Conference Committee Minutes, p. 636, 28 mar. 1920.

GOULART, Adriana da Costa. Revisitando a espanhola: a gripe pandêmica de 1918 no Rio de Janeiro. **História, Ciências, Saúde – Manguinhos**, Rio de Janeiro, v. 12, n. 1, p. 101-142, abr. 2005.

GREENLEAF, Floyd. **Terra de esperança:** o crescimento da Igreja Adventista na América do Sul. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2011.

GULLEY, Norman. **Systematic theology.** Volume 4:the Church and the last things. Berrien Springs: Andrews University Press, 2016.

GUY, Fritz. Theology. In: AAMODT, Terrie; LAND, Gary; NUMBERS, Ronald (Eds.). **Ellen Harmon White:** American prophet. Nova York: Oxford University Press, 2014. p. 144-159.

HANSEN, Louis et al. **Epidemics:** how to meet them. Washington: Review and Herald, 1919.

HOSOKAWA, Elder et al. A percepção da influenza em periódicos adventistas (1918-1920). In: CONGRESSO INTERNACIONAL EM CIÊNCIAS DA RELIGIÃO, 8., 2016. Goiânia. **Anais.** Goiânia: Pontifícia Universidade Católica de Goiás, 2016.

HUCHTINSON, William. **Errand to the world:** American protestant thought and foreign missions. Chicago: The University of Chicago Press, 1987.

KELLER, Eva. **The road to clarity:** Seventh-day Adventism in Madagascar. Nova York: Palgrave MacMillan, 2005.

KNIGHT, George. **Anticipating the advent:** a brief history of Seventh-day Adventists. Nampa: Pacific Press Publishing Association, 1993.

O fim (ainda) não chegou

KNIGHT, George. **The apocalyptic vision and the neutering of Adventism.** Hagerstown: Review and Herald, 2008.

KNIGHT, George. **The fat lady and the kingdom:** Adventist mission confronts the challenges of institutionalism and secularization. Nampa: Pacific Press, 1995.

KÖHLER, Erton. Não é o fim. **Revista Adventista**, Tatuí, p. 5, maio 2020.

KOLATA, Gina. **Flu:** the story of the great influenza pandemic of 1918 and the search for the virus that caused it. Nova York: Touchstone, 1999.

KUEMPEL, F. R. Missão Rio Espírito Santo. **Revista Mensal**, Estação de São Bernardo, v. 13, n. 12, p. 12, dez. 1918.

LAND, Gary. Coping with change, 1961-1980. In: LAND, Gary (Ed.). **Adventism in America: a history.** Berrien Springs: Andrews University Press, 1998. p. 171-190.

LANDLESS, Peter; CHARLES-MARCEL, Zeno. Coronavírus: como se proteger da nova pandemia. **Revista Adventista**, Tatuí, p. 35-36, maio 2020.

MELO, José Marques; ASSIS, Francisco. Gêneros e formatos jornalísticos: um modelo classificatório. **Intercom**, São Paulo, v. 39, n. 1, p. 39-56, jan./abr. 2016.

MENDONÇA, Joêzer de Souza. **A mensagem na música:** estudos da teomusicologia sobre os cânticos dos adventistas do sétimo dia. Tese (Doutorado em Música) – Instituto de Artes, Universidade Estadual Paulista, São Paulo, 2014.

NEUMANN, H. F. Porto Alegre. **Revista Mensal**, Estação de São Bernardo, v. 14, n. 3, p. 5, mar. 1919.

NOVAES, Allan. **O problema adventismo-televisão:** uma análise do pensamento adventista sobre TV a partir da tipologia de H. Richard Niebuhr em Cristo e cultura. Tese (Doutorado em Ciências da Religião) – Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciências da Religião, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2016.

NOVAES, Allan. O problema Cristo-cultura e o adventismo. In: FOLLIS, Rodrigo; NOVAES, Allan; DIAS, Marcelo. **Sociologia e adventismo:** desafios brasileiros para a missão. Engenheiro Coelho: Unasp, 2017. p. 51-73.

NOVAES, Allan. 2019. Seventh-day Adventists in the digital age. In: GRANT, August et al. (Ed.). **Religion online:** how digital technology is changing the way we worship and pray. Praeger: Santa Barbara, 2019. v. 2. p. 92-110.

NOVAES, Allan; CARMO, Felipe. As histórias em quadrinhos e o adventismo brasileiro: conflitos e aproximações na Revista Adventista (1952-2017). In: NOVAES, Allan; CARMO, Felipe (Orgs.). **Adventismo em quadrinhos:** as relações entre a Igreja Adventista e a 9ª arte. Engenheiro Coelho: Unasp, 2017. p. 76-115.

NUMBERS, Ronald. **Prophetess of health:** a study of Ellen G. White. Grand Rapids: William B. Eerdmans Publishing Company, 2008.

NUMBERS, Ronald; SCHOEPLIN, Rennie. Science and medicine. In: AAMODT, Terrie; LAND, Gary; NUMBERS, Ronald (Eds.). **Ellen Harmon White:** American prophet. Nova York: Oxford University Press, 2014. p. 196-223.

OLDSTONE, Michael. **Viruses, plagues, and history:** past, present, and future. Nova York: Oxford University Press, 2010.

PATRICK, Arthur. Contextualising recent tensions in Seventh-day Adventism: “a constant process of struggle and rebirth”? **Journal of Religious History**, v. 34, n. 3, p. 272-288, ago. 2010.

PHILIPS, Howard; KILLINGRAY, David. Introduction. In: KILLINGRAY, David (Ed.). **The Spanish influenza pandemic of 1918-19: new perspectives**. Nova York: Routledge, 2003. p. 1-25.

QUEIROZ, Renato da Silva. As epidemias como fenômenos sociais totais: o surto de gripe espanhola em São Paulo (1918). **Revista USP**, São Paulo, n. 63, p. 64-73, set./nov. 2004.

RANDALL, Kiti. Confinados. **Revista Adventista**, Tatuí, p. 33, maio 2020.

REVIEW AND HERALD. Spanish Influenza. **Review and Herald**, Takoma Park Station, v. 25, n. 42, 17 out. 1918.

REVISTA ADVENTISTA. Combate ao coronavírus. **Revista Adventista**, Tatuí, p. 11, maio 2020.

REVISTA ADVENTISTA. Eles enfrentaram a COVID-19. **Revista Adventista**, Tatuí, p. 10, maio 2020.

REVISTA MENSAL. Signas dos tempos para o mês de novembro. **Revista Mensal**, Estação de São Bernardo, v. 14, n. 10, p. 10, out. 1919.

REVISTA MENSAL. Algo de summa importância. **Revista Mensal**, Estação de São Bernardo, v. 15, n. 7, p. 15, jul. 1920.

RIFFE, Daniel; LACY, Stephen; FICO, Frederick. **Analyzing media messages: using quantitative content analysis in research**. Nova Jersey: Lawrence Erlbaum Associates, 2005.

ROHDE, Max. Obra missionaria. **Revista Mensal**, Estação de São Bernardo, v. 14, n. 2, p. 8, fev. 1919.

RUBLE, W. A. After influenza, what? **Review and Herald**, Takoma Park Station, v. 95, n. 44, 31 out. 1918.

SILVA, Eliane. Missionárias protestantes americanas (1870-1920): gênero, cultura, história. **Revista Brasileira de História das Religiões**, ano 3, n. 9, p. 21-40, jan. 2011.

SPIES, Frederick. Uma advertencia. **Revista Mensal**, Estação de São Bernardo, v. 15, n. 9, p. 1-2, set. 1920.

SPINNEY, Laura. **Pale rider: the Spanish flu of 1918 and how it changed the world**. Nova York: PublicAffairs, 2017.

STEEN, Thomas. O seminário adventista. **Revista Mensal**, Estação de São Bernardo, v. 15, n. 9, p. 13-14, ago. 1920.

SUESSMANN, R. Missão Paulista. **Revista Mensal**, Estação de São Bernardo, v. 14, n. 1, p. 10-11, jan. 1919.

TIMM, Alberto. Seventh-day Adventist ecclesiology, 1844-2001: a brief historical overview. In: KLINGBEIL, Gerald; KLINGBEIL, Martin; NÚÑEZ, Miguel Ángel (Ed.). **Pensar la Iglesia hoy. Hacia una eclesiología adventista: estudios teológicos presentados durante el IV**

O fim (ainda) não chegou

Simposio Bíblico-Teológico Sudamericano en honor a Raoul Dederen. Libertador San Martin: Editorial Universidad Adventista del Plata, 2002. p. 283-302.

TIMM, Alberto. Missiologia adventista do sétimo dia, 1844-2010. In: BRASIL, Elias (Org.). **Teologia e metodologia da missão:** palestras teológicas apresentadas no VIII Simpósio Bíblico-Teológico Sul-Americano. Cachoeira: CePblib, 2011. p. 3-27.

TONETTI, Márcio. Boas notícias. **Revista Adventista**, Tatuí, p. 40-41, maio 2020.

VANCE, Laura. **Seventh-day Adventism in crisis:** gender and sectarian change in an emerging religion. Champaign: University of Illinois Press, 1999.

WHITE, Ellen G. **Christian temperance and Bible hygiene.** Silver Spring: Ellen G. White Estate, 2010a.

WHITE, Ellen G. **Healthful living.** Silver Spring: Ellen G. White Estate, 2014a.

WHITE, Ellen G. **Medical ministry.** Silver Spring: Ellen G. White Estate, 2014b.

WHITE, Ellen G. **Spiritual gifts:** the great controversy between Christ and his angels and Satan and his angels. Battle Creek: James White, 1858.

WHITE, Ellen G. **The ministry of healing.** Silver Spring: Ellen G. White Estate, 2010b.

WHITE, Ellen G. **The great controversy.** Silver Spring: Ellen G. White Estate, 2010c.

WHITE, Ellen G. **Welfare ministry:** instruction in Christian neighborhood service. Silver Spring: Ellen G. White Estate, 2010d.

Recebido em: 12/02/2025.

Aceito em: 23/06/2025.